

CATEGORIA 04. MOTIVAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

TU ÉS ESSE HOMEM: A DISTORÇÃO DA REALIDADE E O HÁBITO DE VER-SE NOS OUTROS

Como a mente reescreve os fatos para preservar a autoimagem, e por que o defeito que mais nos irrita costuma ter o nosso endereço

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo, Filósofo, Teólogo, Mestre em Gestão de Políticas Públicas, Palestrante e Diácono Permanente.
Criador da Agrosófia.

A INDIGNAÇÃO QUE SE AUTODENUNCIA

“Tu és esse homem.”

O profeta Natã foi até Davi e contou uma história simples. Havia um homem rico, dono de muitos rebanhos, e um pobre que possuía apenas uma ovelhinha criada dentro de casa. Quando chegou visita ao rico, ele poupou o próprio gado e tomou a ovelha do pobre. Davi se enfureceu e sentenciou que aquele homem merecia a morte. Natã respondeu com quatro palavras: tu és esse homem (2Sm 12,1-7).

Trinta séculos antes de qualquer manual de psicologia, ali está descrito o mecanismo inteiro. O rei havia tomado a mulher do próximo e mandado matar o marido, e continuava capaz de indignar-se com sinceridade absoluta diante de um crime menor cometido por outro. Não era cinismo. Era distorção, e distorção funciona bem justamente porque quem a pratica não percebe.

A MEMÓRIA É UM NARRADOR INTERESSADO

“A memória não é arquivo. É testemunha, e testemunha do lado do réu.”

As pesquisas sobre memória desmontaram a ideia de gravador. Lembrar não é recuperar um registro fiel, é reconstruir a cena a cada evocação, com os materiais disponíveis no presente. A cada reconstrução, pequenos ajustes se acumulam, sempre na mesma direção: aquela que favorece o narrador.

Some-se a isso o viés retrospectivo, aquela impressão confortável de que sabíamos desde o começo como as coisas iriam terminar. Depois do prejuízo, todos lembram de ter tido dúvidas. Antes dele, ninguém as manifestou. Vinte anos depois, a história que a pessoa conta de si mesma já foi editada tantas vezes que ela é sincera ao contá-la, e mesmo assim está errada.

POR QUE A DISTORÇÃO É TÃO EFICAZ

“Quem acredita na própria versão mente com muito mais talento.”

Há uma explicação incômoda para a eficácia desse mecanismo. O mentiroso consciente precisa controlar voz, olhar e detalhe, e falha. Já quem acredita sinceramente na própria versão não precisa controlar nada, porque não há contradição interna a esconder. O autoengano, portanto, não é um defeito do sistema de persuasão. É a sua forma mais avançada.

Por isso a distorção é sistemática, como diz o texto que originou esta reflexão, e não um deslize ocasional. Ela não é uso indevido da mente. É o funcionamento normal de um órgão que precisa manter a pessoa em pé e capaz de defender a própria posição diante do grupo.

VER-SE NOS OUTROS: O ESPELHO INVERTIDO

“O defeito que mais me irrita no outro costuma ter o meu endereço.”

Se não posso admitir certa coisa em mim, resta um recurso elegante: encontrá-la nos outros. Ali ela pode ser vista, nomeada e condenada sem custo pessoal, e ainda produz a sensação agradável de lucidez moral. Jung chamou de sombra aquilo que recusamos reconhecer como nosso, e observou que essa parte não desaparece, apenas muda de dono aos nossos olhos.

Há ainda uma razão mais simples e menos sombria. O único modelo de mente humana a que temos acesso direto é a nossa, de modo que projetamos o tempo todo, sem intenção nenhuma. Quem trapaceia supõe trapaça em toda parte. Quem é leal custa a acreditar que alguém tenha agido de má fé. Cada um descreve o mundo com o vocabulário que possui.

O Evangelho tinha condensado tudo isso na imagem do cisco e da trave. Ver o defeito minúsculo no olho do irmão e não perceber a viga no próprio não é hipocrisia deliberada, é óptica humana comum (Mt 7,3-5). E a receita dada ali continua sendo a única que funciona: tirar primeiro a trave, e só então enxergar direito para ajudar o outro.

O SINAL MAIS CONFIÁVEL

“A parte da reação que excede o fato pertence a quem reage.”

Há um indicador prático e bastante seguro, e ele dispensa análise profunda: a desproporcionalidade. Quando a irritação é muito maior do que o ocorrido justifica, a diferença não veio do fato, veio de dentro. O atraso do colega não merecia três dias de ruminação. A vaidade do conhecido não merecia aquele discurso todo. Onde há excesso, há assunto pessoal não resolvido.

Repare no que você condena com mais energia. Ali costuma haver uma conta sua em aberto.

PRIMEIRA RESSALVA: NEM TODA DENÚNCIA É PROJEÇÃO

“Nem todo dedo apontado é confissão. Às vezes o incêndio é real.”

Aqui vem a crítica indispensável. Assim como a racionalização, o conceito de projeção é irrefutável por construção, e por isso serve maravilhosamente bem para calar quem incomoda. Quem denuncia desvio na cooperativa é imediatamente acusado de estar vendo em outros o que traz consigo. Quem aponta assédio ouve que exagera por história própria.

É preciso dizer com todas as letras: o desonesto também existe fora de mim, e a maioria das denúncias corretas vem de gente que simplesmente viu o que estava acontecendo. Transformar toda acusação em autoconfissão é um sofisma cômodo, e protege exatamente quem deveria ser investigado.

SEGUNDA RESSALVA: A MESMA OPERAÇÃO PRODUZ COMPAIXÃO

“Projetar a minha dor no outro tem outro nome: misericórdia.”

Aqui está o ponto que quase nunca aparece nos textos sobre o assunto, e que considero o mais bonito. O mecanismo de ver-se nos outros não produz apenas defesa e acusação. Ele produz também empatia, que é a mesma operação em outra direção. Só compreendo o luto alheio porque projeto nele o meu. Só sei o que é humilhar porque já fui humilhado.

A regra de ouro, presente em quase todas as tradições, repousa inteiramente nessa capacidade de reconhecimento. Não se trata, portanto, de eliminar a projeção, o que aliás seria impossível. Trata-se de dirigi-la. Quem se reconhece no fraco pratica caridade. Quem se recusa a reconhecer-se no faltoso pratica condenação.

Ver-se no outro é a raiz da compaixão e a raiz do julgamento. Muda apenas o sentido do olhar.

TERCEIRA RESSALVA: QUEM OBSERVA A DISTORÇÃO ALHEIA JÁ ESTÁ DISTORCENDO

“Não existe cadeira de fora. Todo observador está dentro da cena.”

O texto que originou esta reflexão fala em observação isenta do comportamento alheio. Preciso ser honesto quanto a isso. Não há posição isenta disponível, porque quem examina a distorção dos outros o faz com o mesmo aparelho que distorce, e ainda ganha do exercício uma sensação de superioridade que é ela própria uma distorção.

Daí a regra que atravessa toda esta série e que vale repetir mais uma vez: estas ferramentas são excelentes como espelho e péssimas como binóculo. O conceito de distorção serve para eu revisar a minha versão dos fatos, e não para eu desqualificar a versão de quem discorda de mim.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Onde aplicar	O critério
No conflito	Antes de responder, escreva a versão do outro como se fosse advogado dele. O que você não conseguir escrever é o que você ainda não entendeu.
Na irritação	Meça a desproporção. Se a reação excede o fato, investigue a sobra antes de cobrar qualquer coisa de alguém.
Na liderança	Jamais use o argumento de que a pessoa está projetando para encerrar uma denúncia. Apure o fato primeiro, sempre.
Na família	O defeito do filho que mais o incomoda costuma ser herança sua. Corrija com essa consciência e o tom da correção muda inteiro.
Na memória	Anote as decisões no dia em que forem tomadas. A anotação é a única testemunha que não muda de versão com o tempo.
Em si mesmo	Escolha a pessoa que mais o incomoda e liste três traços dela que existem em você. O exercício é desagradável e costuma ser exato.

CONCLUSÃO

“Só se enxerga a trave quando se para de medir o cisco.”

A distorção é mesmo sistemática, e não ocasional. Ela protege a autoimagem, sustenta a atuação cotidiana e evita o encontro com a própria falha. E o modo mais eficiente que ela encontrou de operar foi transferir para o próximo aquilo que não suportamos em nós, o que explica por que ver-se nos outros virou padrão tão comum.

Mas o mesmo instrumento tem dois gumes. Reconhecer-se no outro é a raiz da acusação injusta e também a raiz da misericórdia. E o conceito, usado para fora, vira arma que protege culpados e cala testemunhas. Usado para dentro, é das ferramentas mais úteis que a humanidade já produziu.

Fica então a pergunta que Natã deixou para todos nós, e que cada um deve fazer a si mesmo antes de fazer a qualquer outro. Diante da história que me indigna, quantas vezes eu sou o homem rico da parábola, sinceramente convencido de que sou o profeta.

TEXTOS CORRELATOS NO PORTAL: A ARQUITETURA DA DESCULPA, A PRESSÃO COMO PROVA, O TRATO COM QUEM NADA PODE RETRIBUIR, O SILÊNCIO COMO MÉTODO, O TEATRO DE TODOS OS DIAS e AS PALAVRAS SÃO PERFORMANCE E O COMPORTAMENTO É CONFISSÃO? Disponíveis em www.loterio.com.br.

PARA PALESTRAS E CURSOS: este tema e os demais eixos de trabalho, motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosafia, podem ser levados à sua cooperativa, empresa, escola, paróquia ou evento. WhatsApp (47) 99967-5010. E mail: ainorfloterio@gmail.com e contato@ainor.com.br.